



## A REPRESENTAÇÃO DO SOFRIMENTO NOS CONTOS DE ANA SQUILANTI

Luiz Antonio Piesanti<sup>1</sup>

Antonia Cristina Rocha Fioravante<sup>2</sup>

Katia Cristiane Borges de Oliveira<sup>3</sup>

**Resumo:** O sofrimento humano já foi mote de diversas obras literárias a nível mundial. De modo genérico, esse sentimento está intimamente ligado a um estado de angústia, tormento, desconforto, infelicidade e dor – o que, de certo modo, causa impacto nas relações (inter)pessoais. O presente artigo propõe discorrer sobre a representação do sofrimento humano presente na obra *Costuras para fora*, de Ana Squilanti, em diferentes esferas, como, por exemplo, o luto afetivo advindo de um relacionamento amoroso, o ageísmo (ou etarismo) causado pela efemeridade do tempo, o racismo, o cárcere, a dupla colonização da mulher, o suicídio. Para tanto, foram selecionados três dos vinte e um contos que compõem a obra. Nesse recorte, quatro temas foram observados no que diz respeito às causas do sofrimento, sendo eles: o etarismo, o luto afetivo, a homofobia e a gordofobia. Assim, este estudo cobriu a representação do sofrimento em mais de uma esfera do convívio social, apresentando conceitos acerca do tema, discorrendo sobre a noção de representação na breve análise dos contos selecionados, bem como sobre o exercício de alteridade sugerido nas narrativas.

**Palavras-chave:** Preconceito. Violência. Sentimento. Alteridade.

### **THE REPRESENTATION OF SUFFERING IN ANA SQUILANTI'S SHORT STORIES**

**Abstract:** Human suffering has already been the motto of several literary works worldwide. This feeling is, generically, closely linked to a state of anguish, torment, discomfort, unhappiness, and pain – which, in a way, causes an impact on (inter)personal relationships. This article aims to discuss the representation of human suffering present in the work *Costuras para fora*, by Ana Squilanti, in different spheres, such as, for example, the affective mourning arising from a love relationship, the ageism caused by the ephemerality of the time, racism, imprisonment, the double colonization of women, suicide. For that, three of the twenty-one short stories that make up the work were selected. In this clipping, four themes were observed regarding the causes of suffering, which are: ageism, affective mourning, homophobia and fatphobia. Thus, this study covered the representation of suffering in more than one sphere of social interaction, presenting concepts about the theme, discussing the notion of representation in the brief analysis of the selected stories, as well as the exercise of otherness suggested in the narratives.

**Keywords:** Prejudice. Violence. Feeling. Otherness.

1 UFMS/CAPES. ORCID: 0000-0001-5701-9050.

2 UEMS. ORCID: 0009-0002-7464-0679.

3 UEMS. ORCID: 0009-0002-2552-9931.

## Introdução

Com sua obra intitulada *Costuras para fora*, Ana Squilanti estreia na Literatura. Trata-se de uma coletânea de 21 (vinte e um) contos curtos com temáticas tanto fortes quanto delicadas de se abordar, conduzindo o leitor a encarar as histórias com um olhar ora imerso na narrativa (de modo empático) ora emerso (com a prática da alteridade), ou seja, a narrativa proporciona ao interlocutor uma experiência/exercício de se observar em determinadas situações e buscar por uma possível reflexão acerca do tema abordado. Essas idas para dentro da narrativa e vindas para fora fazem jus ao título do livro, pois estabelecem uma analogia ao ato de costurar, de coser, ao passar a agulha por dentro e por fora do tecido para dar um ponto. Ademais, é importante ressaltar que um tecido não tem interior e exterior, sendo apenas lados. O produto final gerado pela costura é que possui o lado de dentro e o lado de fora. Assim, a sugestão proposta pelo título se faz ainda mais intrigante.

É possível perceber a qualidade da construção das narrativas de Squilanti (2019). A autora arrisca até no uso de técnicas como o fluxo de consciência – muito utilizada por autores consagrados, como Virgínia Woolf, William Faulkner e Clarice Lispector, por exemplo. Para o crítico literário Massaud Moisés (2006), o sucesso de um conto é pautado em uma história com núcleo representado por uma situação carregada, acompanhado de um personagem em conflito com a apresentação de um espaço onde ocorre essa situação dramática, em que tudo a sua volta funciona como elemento contrastante.

A autora aborda temas tensos e delicados, como fobias e preconceitos, sejam eles relacionados à aparência física ou sobre a comunidade LGBTQIAP+<sup>4</sup>, por exemplo, sempre de maneira sutil, não sendo necessário explicar ao leitor de que o que está sendo apresentado é de fato sobre aquilo.

O conto de abertura é o único dessa coletânea que traz o termo “costura” relacionado especificamente – embora não somente – à arte de coser. Os demais retratam a costura como analogia, uma metáfora das cicatrizes e outras marcas deixadas nas vidas de cada indivíduo, seja por meio de relações familiares, seja por conta de relacionamento entre casais ou pelo contato entre pessoas de modo geral.

---

4 Acrônimo que remete a lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis e transexuais, queers, intersexuais, assexuais, pansexuais, entre outras expressões como aromânticos e poliamorosos, por exemplo.

No conjunto da obra, o conto inicial se faz necessário de tal modo a fim de trazer o leitor desavisado<sup>5</sup> para perto, para dentro, iniciando o processo de “costura” a ser estabelecido no decorrer do livro, por meio dos outros vinte contos. É mediante isso que a autora estabelecerá uma relação entre forma e conteúdo, ao passo que as demais narrativas apresentarão as conexões desse cerzir por meio do modo que são trabalhadas.

O sofrimento humano já foi mote de diversas obras literárias a nível mundial. O presente artigo se restringirá à representação do sofrimento humano em diferentes esferas, como, por exemplo, o luto afetivo, advindo de um relacionamento amoroso, o ageísmo ou etarismo, por conta da efemeridade do tempo, a homofobia, o racismo, a gordofobia, o cárcere, a dupla colonização da mulher, o suicídio.

Nos contos de Squilanti, é perceptível a presença desse elemento “sofrimento” dentro das tramas costuradas. Assim, a proposta deste artigo é apresentar noções acerca do conceito de sofrimento, discorrer sobre a noção de representação para a análise de determinados contos, bem como realizar comentários pertinentes ao exercício de alteridade sugerido nas narrativas. Para tanto, foram escolhidos 3 (três) dos 21 (vinte e um) contos que compõem a obra (“Sem Costura”, “Dê pouca água aos cactos”, e “Bonita de rosto”), pelos quais foi possível observar quatro temas referentes às diversas causas do sofrimento, sendo eles: o etarismo, o luto afetivo, a homofobia e a gordofobia.

### **Da costura dos contos no tecido da representação**

Para compreender o conceito de representação, é preciso revisitar os textos de Aristóteles, em sua obra intitulada “Poética” (1973), na qual diz que uma das funções do poeta é a de criar um universo fictício, irreal, inventado, e transpô-lo para a Literatura em forma de narrativa, tendo como base o mundo real.

No que diz respeito à noção de ficção, recorreremos às palavras da professora de Língua e Literatura Latina, da Universidade de São Paulo (USP), Dra. Zelia de Almeida Cardoso (1985, p. 163),

Trata-se, como diz M. J Lefebve, de um mundo suposto real que “só nos é acessível pelo discurso” e do qual não podemos conhecer “senão o que o autor nos quer efetivamente dizer”. [...] O mundo ficcional é, pois, um

---

<sup>5</sup> Um leitor comum, que não tem a leitura como uma atividade habitual, e sem intimidade ou domínio de com questões referentes à linguagem, à estética, às técnicas utilizadas pelo autor de determinada obra. Em outras palavras, trata-se de um leitor que busca por uma leitura de fácil compreensão, sem necessitar de muito esforço para tanto.

mundo criado, inventado, imaginado, limitado em si mesmo. Embora possa “imitar a vida” – e o faz, sem dúvida –, a literatura é basicamente *ficção*, entendendo-se por *ficção* não o oposto à verdade, mas ao fato, à existência no tempo e no espaço. (CARDOSO, 1985, p. 163).

É possível estabelecer uma comparação entre a explicação apresentada por Cardoso (1985) com o pensamento aristotélico, ressaltando o caráter verossímil de uma obra, visto que, para a Aristóteles (1973), “importa procurar sempre a verossimilhança e a necessidade; por isso as palavras e os atos de uma personagem de certo caráter devem justificar-se por sua verossimilhança e necessidade, tal como nos mitos os sucessos de ação para ação”. (ARISTÓTELES, 1973, p. 456). Observa-se que Cardoso (1985) assume uma postura mais distanciada, ao alegar que a ficção é apenas ficção e não, como para Aristóteles (1973), um meio de representar a realidade a ponto de causar catarse.

Entende-se, assim, que representação é, em suma, a capacidade da arte e do discurso de imitar ou reproduzir a realidade, transmitindo ideias, emoções e experiências por meio de símbolos e formas simbólicas. Trata-se da habilidade de apresentar algo como se fosse algo diferente, buscando capturar a essência e a verdade daquilo que está sendo representado. Essa asserção poderá ser percebida por meio das análises dos contos propostos neste artigo, em que o sofrimento vivenciado pelas personagens pode ser equiparado a um sentimento catártico causado no leitor, ao se identificar ou perceber relativa semelhança ao que o ser humano sofre no mundo real.

### ***Do etarismo e do luto afetivo no conto “Sem Costura”***

O primeiro conto do conjunto, intitulado “Sem costura” trata da história de uma costureira (Rose) e sua cliente (Letícia) que, por algum tempo, deixara de visitar o ateliê de Rose. O narrador inicia a história descrevendo o ateliê de Rose como sendo um local bastante procurado há dez anos, por todas as classes sociais. No entanto, “num estalar de dedos”, o local havia sido ofuscado pelos grandes prédios e pela vida agitada do meio urbano, o que fez com que as pessoas procurassem por lugares onde pudessem ter suas roupas prontas, em vez de esperar um prazo maior para terem suas roupas confeccionadas. A sociedade contemporânea almeja aquilo que é pronto e não o que demanda tempo para ser confeccionado.

Após um ano de marasmo, uma cliente já conhecida de Rose, a filha de um casal fiel à costureira, pagou-lhe uma visita. Percebe-se a questão cultural de se remeter aos pais, ao se tratar dos filhos. Mesmo Letícia sendo uma pessoa adulta e mãe de duas

crianças, Vicente e Beatriz, Rose marcou as roupas de Letícia acrescentando o nome (supostamente) de sua mãe, Clarice. Outro fato curioso é a efemeridade das coisas: do tempo e do amor. Do tempo, por perceber que o ateliê agora não fazia mais tanto sentido para com o agito citadino, e do amor, ao passo que Letícia não está mais casada com Rodrigo.

Nesse ponto, o conto faz uma costura com o conto seguinte (a ser comentado mais adiante), quando se tem que Letícia se cansou de tentar fazer dar certo, de ter expectativas muito elevadas quase oníricas. Nesse contexto, por mais que ela se doava ao companheiro, sentia-se cada vez mais solitária e sufocada em tantas responsabilidades. A relação descrita pela cliente ao comentar sobre o término é equiparada, pela costureira, a um tecido, que se pode lavar “à mão”, secar “à sombra”, tomando “*cuidado com as partes frágeis*”, “*alisando*”, mas que no final das contas, como disse a experiente Rose, “*O dia a dia corrói a melhor trama, querida. Mesmo quando a gente ainda se esforça para que durem.*” (SQUILANTI, 2019, p. 11).

No que diz respeito ao etarismo<sup>6</sup>, ou ageísmo – termo advindo da tradução em língua inglesa “*age*” –, tem-se a noção de uma atividade outrora de extrema valorização que na sociedade contemporânea do imediatismo foi substituída pelas máquinas de produção em massa.

Uma parte interessante no conto – e que dá nome a ele – é justamente o final, em que Letícia mostra à costureira as calcinhas diferentes que ela havia comprado, que não marcavam o corpo, pois eram “sem costura”. Isso pode ser associado, metaforicamente, com o relacionamento todo costurado e que acaba deixando marcas profundas na alma e coração da pessoa, pois, como observado acerca do depoimento da cliente, doeu comentar o caso, visto ser muito infeliz. No entanto, por ser algo efêmero, um dia essa dor passa. Assim, o que alguém que acaba de sofrer com essas “costuras” em um relacionamento busca nesse momento de aprendizagem dolorida, é algo que não machuque, que não incomode, que não cause sofrimento.

A esse conto de abertura (talvez não por acaso), pode-se estabelecer uma relação com o conto *Um Apólogo*, de Machado de Assis, em que se tem uma discussão entre a linha e a agulha para saber quem é mais importante e relevante no ato de coser

---

<sup>6</sup> O etarismo é um conceito que se refere à discriminação, preconceito ou estereotipagem com base na idade de uma pessoa. É a prática de tratar alguém de forma desigual ou injusta com base em sua idade, geralmente em detrimento de pessoas mais velhas. Para mais informações sobre o termo: Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG). ***Etarismo, o preconceito contra os idosos***. Disponível em: <<https://sbgg.org.br/etarismo-o-preconceito-contra-os-idosos/>>. Acesso em: 30 set. 2022.

um vestido. A aproximação dos dois contos pode ser feita pelo desfecho da história, quando a linha vai ao baile dando forma ao vestido, toda orgulhosa de si e com um ar de superioridade, enquanto a agulha fica na caixinha da costureira, abandonada por já ter “terminado seu trabalho”, portanto, não teria mais serventia na vida daquele vestido. Eis que o alfinete de cabeça grande chama a atenção da colega agulha ao sugerir que ela faça o mesmo que ele: não abrir caminho para linha alguma. Nessa linha de pensamento, tem-se ao final do conto a reflexão de que muitas pessoas acabam servindo de agulhas, ou seja, abrindo caminhos, fazendo com que algo seja possível para outras que não lhe dão o devido valor.

### ***Da homofobia no conto “Dê pouca água aos cactos”***

O segundo conto, intitulado “Dê pouca água aos cactos”, explora a temática da separação de um casal e da lembrança e questionamento por parte do que ainda habita o apartamento que outrora era dos dois, durante uma visita do ex. No conto, o narrador percebe que o motivo da separação tenha sido, talvez, o fato de ele ter se debruçado demais, esperado demais, sufocado (afetivamente) demais seu parceiro, como pode ser percebido no trecho: “*E eu regava todos os dias. Será que foi isso então, afoguei as plantas, excesso de água, elas choravam comigo.*” (SQUILANTI, 2019, p. 15).

Como se trata de um casal *gay*, há, implicitamente, a exposição da angústia dos consortes que vivem em uma sociedade conservadora no momento em que o personagem-narrador (Leandro) diz que trocou o tapete – que, segundo ele próprio era “*breguíssimo*” –, não somente pelo fato de que o anterior remetia a sua união com Geraldo, seu namorado, como tantas outras coisas que ele pensava ser “*frescura*” trazer “*tanta memória*”, mas pelo fato de que o ornamento que fora substituído sugeria facilmente que naquele apartamento morava um casal homoafetivo, visto que o artefato trazia a imagem de “*dois golfinhos um mar e um arco-íris*” (SQUILANTI, 2019, p. 13). O arco-íris é um dos símbolos representativos da comunidade LGBTQIAP+. Assim, não precisaria muito para perceber que os dois rapazes que dividiam o mesmo lar eram, de fato, um casal homossexual.

O conto aborda a temática da homofobia, ou seja, o preconceito, a aversão, o ódio ou a discriminação contra pessoas pertencentes à comunidade LGBTQIAP+. Isso inclui atitudes negativas, estereótipos prejudiciais, violência e/ou rejeição baseada na orientação sexual ou identidade de gênero de uma pessoa.

Nesse ponto, é possível perceber que Leandro é o mais contido e preocupado com o que a sociedade pensa em relação à união homoafetiva, ao passo que Geraldo parece não ligar tanto para isso, chegando a desejar “*que os vizinhos saibam logo.*”. Não se sabe o que levou à separação do casal, mas tem-se a sugestão de que Leandro queria um relacionamento escondido, introspectivo, inibido, enquanto Geraldo demonstrava ter um desejo irrefreável de se casar formalmente<sup>7</sup> com Leandro, afirmando até ter “*raiva dos que podem se casar*” (SQUILANTI, 2019, p. 14).

Assim como a personagem Letícia aprende uma dura lição com o término do relacionamento, Leandro aprende que não adianta mudar quem se é realmente. Essa percepção é observada quando o narrador descreve, metaforicamente, que ele chegou “*a trocar a terra toda, até entender que não fazia mais sentido, não adiantava mexer no solo, que semente germinaria ali?*” (SQUILANTI, 2019, p. 16). Desse modo, decide substituir a horta da jardineira por cactos, visto que eles, diferentemente das plantas anteriores, não demandam muita atenção e manutenção, pois são plantas oriundas de lugares muito quentes e secos, ou seja, de clima árido – não precisam de muita água para sobreviver. Sugere-se, então, que Leandro tinha uma personalidade árida em comparação a Geraldo, sendo este, talvez, um dos motivos de o relacionamento não ter dado certo. Entretanto, em um processo de ressignificação identitária, Leandro percebe que todos os indivíduos carregam um pouco de toxicidade, pois as pessoas magoam umas às outras vez ou outra.

Como observado pela análise do conto anterior, há uma costura nítida entre esses dois ao passo que se tem uma personagem tentando manter seu relacionamento, regando sempre que necessário ou possível. O número sugestivo do apartamento, “121”, que em inglês seria “*one two one*”, pode ser lido, analogamente, como “*one to one*”, exprimindo que o “um” está para o outro “um”, ou seja, uma relação de alteridade em que o “eu” só é possível a partir do outro. Desse modo, ao término da relação, tem-se um vazio, e esse vazio deixa marcas das várias costuras que foram realizadas para tentar manter algo que, no fim, como a melhor trama citada pela personagem Rose do conto anterior, foi corroído no dia a dia.

---

<sup>7</sup> “O casamento homoafetivo no Brasil não foi garantido por lei, embora seja assegurado por decisão do Supremo Tribunal Federal. Esse é um dos pontos que ficaram de fora, quando da edição do novo Código Civil (lei 10.406/2002), que completa 20 anos de sanção este mês. Projeto de lei (PLS 612/2011) sobre o assunto não chegou a ser aprovado pelo Plenário do Senado e foi arquivado no final do mandato da então senadora Marta Suplicy, autora da proposta, em 2018.” (ARAÚJO, 2022).

### **Da gordofobia no conto “Bonita de rosto”**

*Costuras para fora* tende a ter a figura do corpo como tem a central da maioria das histórias, seja como um tipo de cartão de visita do indivíduo, seja como instrumento de luta, de resistência, de posicionamento – ou mesmo de escrita. Outro conto que, assim como em “Ponto falso” – em que o narrador tem seu corpo flagelado e seu psicológico afetado durante o cárcere –, “Bonita de rosto” também traz o elemento “corpo” ao destacar a temática da gordofobia<sup>8</sup>, ou seja, o preconceito para com corpos ditos gordos em relação ao padrão estético de beleza da sociedade contemporânea. Acerca da equiparação do corpo com a noção de territorialidade, Goettert (2011, p. 72-73) sugere que

[...] Referimo-nos ao corpo humano como espaço (e escala) geográfico, território de cúmulos e acúmulos, marcas e marcações, apropriações e usos e abusos, explorações e dominações e (re)existências, de dor e “pecado” e “salvação” de vozes que falam e peles e pelos e cores que “dizem” sem dizer, de rugas [...] O território do corpo são relações produzidas [...], construídas [...] e inventadas [...] É homem, é mulher, é travesti, é índio, é negro, é estrangeiro, é estranho, é ridículo, é bonito, é familiar, é magro, é gordo, é deficiente, é cego... Cada corpo é uma *geografia* ao mesmo tempo em que participa de outras tantas: a do lugar, da comunidade, da cidade, da região, da nação, do mundo, da etnia, da classe, da gangue, da aldeia, do bairro [...] O corpo evidencia um espaço *per si* e tudo o mais a ele relacionado. [...] É nele ou dele que todas as outras relações emanam. (GOETTERT, 2011, p. 72-73).

No conto “Bonita de rosto”, é mostrada a trajetória da personagem narradora em diferentes fases<sup>9</sup> de sua vida. No início, tem-se a figura de uma criança ingênua que, após algumas aulas de *ballet*, finalmente se apresentaria pela primeira vez em um espetáculo de final de ano. O problema é que, pelo fato de ser gorda, o alfaiate tira sarro dela em complô com a professora, sugerindo que ela ficasse na segunda fileira, ou seja, atrás das meninas mais magras, e que desempenhasse o papel de uma xícara de chá, em vez de uma xícara de café. De início, a personagem não entende o que estava acontecendo, mas, ao observar o alfaiate anotando as medidas dos corpos das demais meninas, percebe o “não-lugar” e “entende” que há algo “errado” com seu corpo, pelo fato de suas medidas serem maiores que de suas colegas dançarinas.

---

8 Termo utilizado para descrever o preconceito, a discriminação e o estigma social direcionados às pessoas com excesso de peso ou obesidade. Isso inclui o julgamento negativo, a ridicularização, a exclusão social, a discriminação no local de trabalho, entre outros comportamentos que perpetuam a discriminação com base no peso corporal.

9 É o único conto que possui subdivisões.

Ainda criança, ela observa em um comercial de televisão que existe uma dita fórmula “mágica” para emagrecer: utilizar a casca do abacaxi para fazer suco em vez da polpa. Resultado: intoxicação alimentar; hospital. Consequência: emagrecimento forçado. Não bastasse o transtorno, teve que ouvir que isso tudo teve um lado positivo, pois, no final das contas, ela havia emagrecido. Não houve preocupação em relação a uma garota ingênua em uma busca desesperadora para se sentir pertencente a uma sociedade magra, sentir-se idêntica – termo aqui entendido como essência da noção de identidade, pois essa se faz a partir de um processo de alteridade, ou seja, da busca pelo idêntico, na comparação do “eu” com o *outro*. Paulo Freire (2005) resume a noção de alteridade ao afirmar que

Não é a partir de mim que eu conheço você [...] é o contrário. A partir da descoberta de você como não-eu meu, que eu me volto sobre mim e me percebo como eu e, ao mesmo tempo, enquanto eu de mim, eu vivo o tu de você. É exatamente quando o meu eu vira um tu dele, que ele descobre o eu dele. É uma coisa formidável. (FREIRE, 2005, p. 149 *apud* SOUZA, 2011).

A narradora do conto em questão tenta se (re)descobrir a cada momento em que tem contato com o *outro*, a ponto de correr risco de morte ao tentar emagrecer por meios ditos “alternativos”, seja com receitas mal preparadas, seja com improvisações de “trajes” apertados para forçar o corpo a eliminar a gordura do jeito “mais fácil/rápido”, ou até mesmo se submetendo a ficar horas a fio sem comer e ingerir apenas uma bolacha de água e sal para evitar um possível desmaio. Tudo isso para se sentir pertencente a determinado grupo, como ela mesma diz: “*tive que topar também, ou ficaria muito longe, muito sozinha no reino dos ‘enta’ e elas nos ‘inta’*” (SQUILANTI, 2019, p. 54).

Já na fase adulta, a personagem passa a conviver, além do preconceito relacionado à aparência, também com assédios. Como sua autoestima vivia muito baixa devido ao fato de ser gorda, ela nem sequer havia notado que um dos garotos da faculdade estava “interessado” nela. Na verdade, o interesse era apenas para satisfazer um fetiche sexual. Tal desejo fica nítido quando o rapaz se dirige a ela, durante o processo de “conquista”, chamando-a de “gordelícia”. A narradora até para por um instante para analisar o que de fato acontecera. Ela havia percebido o preconceito mascarado. No entanto, confessa que foi “*para casa com ele mesmo assim, tinha delícia no que ele tinha [...] dito então ele [...] queria.*” (SQUILANTI, 2019, p. 56). É perceptível a carência afetiva da personagem e como esse estado de dependência foi construído (implantado) por ocasião de seu corpo.

## Considerações finais

Além da presença do sofrimento em seus contos, a obra explora bastante o elemento memória no decorrer dos contos. Elemento esse que ora remete à infância, ora ao passar do tempo em uma análise da vida do indivíduo, mas que, de certo modo, implica em uma reflexão acerca da formação identitária dessa personagem. Assim, tem-se uma linha imaginária temporal que se entrelaça, que costura o fio da vida, em que o mero (f)ato de estar/permanecer vivo deixa marcas, fisicamente, no corpo ou, psicologicamente, no interior, no âmago de cada um, como uma representação do real por meio da verossimilhança.

Mesmo sendo colocados na composição da obra de forma labiríntica, os contos mantêm relação uns com os outros. É como se de fato a obra fosse costurada e a linha fosse as narrativas. A relação do “ser” com o cotidiano transposta na obra transcende ao leitor para com o texto. Ambos estão ligados aos processos de transformação pessoal, social e cultural. Desse modo, é possível estabelecer uma relação de costura para fora da obra envolvendo o leitor por um processo mimético, pois, após a leitura dessas narrativas, o leitor também passa por um processo de reidentificação.

Por fim, destaca-se a capacidade de criação literária que Ana Squilanti demonstra na composição de seus contos. Não somente pelo fato de se utilizar de fluxo de consciência ou de marcas que expressem um rompimento para com as tradições acadêmicas, mas, também, de tecer críticas à sociedade de modo a fazer com que o leitor se identifique, reflita e desempenhe uma ação em detrimento do que ele consumiu e se ressignificou.

## Referências

ARAÚJO, Janaína. ***Garantia do casamento homoafetivo no país ainda não foi concedida por lei***. Rádio Senado, 2022. Disponível em:

<<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/01/18/garantia-do-casamento-homoafetivo-no-pais-ainda-nao-foi-concedida-por-lei>>. Acesso em: 17 ago. 2022.

ARISTÓTELES, **Poética**. Vol. IV. São Paulo: Editora Victor Civita, 1973. p. 451.

GOETTERT, Jones Dari. Babel e o mundo das vozes “mudas e surdas”. In: SANTOS, Carolina Barbosa Lima e; SANTOS, Rosana Cristina Zanelatto (orgs.). **Cinema (d)e horror**. Campo Grande, MS, FCMS: Life Editora, 2011. 160 p.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: prosa I. 20ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SQUILANTI, Ana. **Costuras para fora**. São Paulo: Editora Nós, 2019.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. **Para uma redefinição de Letramento Crítico**: conflito e produção de significação. In: Maciel, R. F.; ARAUJO, V. de A. Formação de professores de línguas: ampliando perspectivas. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.